

## **Brado forte retumbante**

Um dia desejei atravessar o Ipiranga como Júlio César atravessou o Rubicão, e como ele, sem medir as consequências. Impetuosidade juvenil de quem via na História somente pano de fundo para suas próprias histórias; histórias de quem tenta compreender o espírito do seu tempo, do seu povo e de quem o Brasil realmente ficou independente desde o Grito do Ipiranga. Do imperador romano recebi parte do nome; do imperador brasileiro recebi a esperança de nos tornarmos, de fato, uma nação livre e singular dentro do continente americano.

Quando fui pela primeira vez ao Museu Paulista era ainda muito garoto e não guardei detalhes da visita, exceto a imponência do casarão que ainda permanece viva na minha lembrança. Fomos todos, a família inteira, em nosso Opala grenat 1973 com câmbio atrás do volante e um toca-fitas Bosh. Desde que assistira a estreia do filme *Independência ou Morte* nos anos de 1970, meu pai fez planos de visitar o Museu do Ipiranga, como o chamava, mesmo sabendo que D. Pedro I, o mais brasileiro dos portugueses, nunca colocou os seus pés naquele palácio. De todos, ele era o mais empolgado; e sempre que se lembrava de algo referente ao museu ou ao filme, contava a todos. Porém, da vontade inicial de visita-lo até concretizar o projeto passaram-se uns bons anos, mas ele conseguiu.

Uma segunda oportunidade de rever o Museu do Ipiranga aconteceu muito tempo depois, na ocasião em que o Icon organizou um congresso latino-americano de museus em São Paulo e dele participei na qualidade de diretor do Museu da Imagem e do Som de Taubaté. O congresso em si não me era importante por causa das realidades contrastantes: a que eu veria no encontro e a nossa penosa realidade de museu do interi-

or sem perspectiva alguma de mudança. Seria, tinha certeza, algo como viver no primeiro mundo por dez dias e depois ter que voltar para o terceiro. No entanto, constava na programação uma turnê de visitas a vários museus paulistas exceto – ficamos sabendo durante o congresso – o Museu do Ipiranga, que estava fechado para reformas.

O tempo passou novamente, como sempre passa, e um colega historiógrafo publicou uma compilação da trajetória de D. Pedro I, no ano e mês da Independência, do Rio de Janeiro a São Paulo, passando por cidades do Vale do Paraíba, este o seu recorte. Claro que aproveitei a compilação para uma ficção maluca envolvendo o Imperador, não diretamente, mas com insinuações, focando no povo que o recebia pelas cidades. Mais uma vez reacendeu na memória a imagem viva do imponente casarão assim como o desejo de rever o Museu do Ipiranga, desta vez como parte da lista de museus imprescindíveis por visitar. É que durante os poucos mais de 20 anos que os museus pertenceram ao meu universo profissional, estipulei como meta superar a marca do amigo historiógrafo que visitou museus de quase todos os estados brasileiros. Não consegui. Se até aquela data não pude sequer visitar o Museu Paulista, como poderia superá-lo?

Essa vontade passou como tantas outras, que na vida tem tempo certo para acontecer. De resto, vez por outra quando reviro os guardados de meu pai e me deparo com itens relacionados ao filme de Carlos Coimbra ou com as fotos esmaecidas do Museu Paulista feitas com a superada Olympus Trip 35 – resultado de suas primeiras incursões na fotografia em cores –, voltam à lembrança a imponência do casarão e a necessidade de revê-lo mais de quarenta anos depois em todo o seu esplendor salmão, ocre ou uma cor parecida com estas. Não sei por que, mas associo coisas boas e estranhas a essas lembranças e temo não sentir o mesmo impacto visual da primeira vez ou senti-lo demais; uma força estranha como advertência de algo que não consigo evitar.

O que Júlio César tem a ver com D. Pedro I se nem foram contemporâneos? Que eu saiba nada, exceto o fato de ambos terem sido imperadores, terem nascidos na Europa e terem proferido frases célebres que entraram para a história quando estiveram à margem de um rio por razões e casualidades diferentes. A associação se dá pelo simples fato de que poder visitar o Museu Paulista pela segunda vez ser para mim algo como atravessar o Rubicão, em meu caso, o Ipiranga, agora não mais literalmente. Porém não nego minha vontade obsessiva de reafirmar o grito do Ipiranga, bem alto, para todo bom entendedor porque há tempos aguardo esse momento.

[3/8/2016]